

## PREFÁCIO

É com grande entusiasmo que vemos ser novamente publicada a obra de Ferdinand Denis, vinda ao prelo pela primeira vez na França em 1850. Esse é um dos grandes textos oitocentistas sobre o Brasil do primeiro século, tão conhecido e percorrido pelos franceses que aqui pretenderam, por duas vezes, estabelecer-se definitivamente, após décadas de trato contínuo com índios da costa leste do Brasil.

Efetivamente, os maíras, nome com o qual ficaram conhecidos esses que tão ditosos laços de amizade estabeleceram com os aborígenes das praias brasileiras, grande importância tiveram na história do Brasil dos seus dois primeiros séculos. Grandes amigos deles foram os potiguaras do Nordeste, os tamoios da Guanabara, os tupinambás do Maranhão, com os quais praticavam escambo, aos quais até mesmo as mulheres índias eram dadas em casamento. Houve aqui, com efeito, nos primeiros anos após a chegada de Cabral, certos aventureiros franceses que passavam a viver entre os índios, constituindo famílias, num regime de convivência harmônica e promiscuidade sexual a que Darci Ribeiro chamou “cunhadismo”.

Se os projetos políticos franceses foram frustrados, grande foi a importância de seus textos sobre a novel colônia portuguesa. Muito devem os estudos sobre o Brasil quinhentista e seiscentista às obras dos cronistas e viajantes franceses que aqui chegaram nas expedições de Villegaignon e de Daniel de la Touche, cabeças dos empreendimentos conhecidos, respectivamente, como “França Antártica” e França Equinocial. É inestimável, com efeito, o que deve o Brasil a Jean de Lery, a Claude d’Abbéville, a Yves d’Évreux, a André Thevet, que tanto revelaram da cultura de nossos primitivos tupis da costa e da natureza exuberante da nova terra, que muitos quiseram ver o próprio paraíso terreal, tão longamente sonhado pelo homem europeu durante séculos. Lidos por eruditos franceses, autores como Jean de Lery foram a base das representações que se construíram na Europa de Setecentos sobre o índio brasileiro e que fariam Jean Jacques Rousseau construir a teoria da “bondade natural do homem”, o mito do “bom selvagem”, que papel tão importante desempenharia na formulação do ideário iluminista que revolucionou o mundo na segunda metade do século XVIII. Assim, por meio dos franceses o índio brasileiro estaria presente no arcabouço simbólico da Revolução Francesa, o que tão bem estudado foi por Afonso Arinos de Mello Franco.

Mas não foram somente franceses eruditos que perustraram as terras brasileiras nos primórdios da Idade Moderna. Também muitos tupis da costa brasileira puderam percorrer terras européias e, principalmente, a França. Há nos fastos de Quinhentos muitas informações sobre a presença de índios brasileiros naquele país. Lá esteve Catarina Paraguaçu, a matriarca da Bahia e esposa de Diogo Álvares Correia, o famoso *Caramuru*. Lá esteve no ano de 1613 o morubixaba tupinambá Itapuku, que discursou em tupi no palácio do Louvre a Luís XIII e a toda a corte francesa.

Esse era, com efeito, um período dos mais notáveis da história da humanidade, em que os homens puderam saber da existência uns dos outros, em que o mapa do mundo assumia seus contornos precisos e no qual, segundo Charles Boxer (1963), os ramos tão afastados da grande família humana foram ligados para o bem ou para o mal”, tarefa ingente em cuja execução os portugueses foram os precursores, dando pela primeira vez à humanidade a consciência, embora vaga, de sua unidade essencial. Nesse feito reside a grandeza histórica de Portugal.

Mas aos portugueses seguiram-se os franceses, os holandeses e os ingleses nessa obra de entrelaçamento de culturas, de trocas materiais que tão bem configuram o surto da globalização, que atinge seu paroxismo em nossos dias e que foi um dos mais importantes processos civilizatórios do mundo.

A obra de Ferdinand Denis, agora reeditada, trata de um espetáculo belíssimo em que índios tupinambás do Brasil foram protagonistas em 1550: a grandiosa festa brasileira em Rouen. Trata-se de uma cerimônia de recepção ao rei Henrique II e a sua esposa Catarina de Medicis que visitavam, naquele ano a Normandia, cuja capital era aquela velha cidade francesa, que havia sido um dia o palco da morte de Joana d’Arc.

A obra de Denis vinha ao prelo trezentos anos depois daquela grandiosa cerimônia e buscava ser, assim, uma edição comemorativa daquele grande acontecimento do século XVI na França. Seu autor esteve na América do Sul de 1816 a 1821 e publicou em 1824 *Scènes de la Nature sous les Tropiques*, que fez dele uma das fontes do Romantismo no Brasil, que se tornara, havia pouco independente de Portugal.

Os cortejos e os desfiles triunfais eram usança antiga naqueles tempos, mormente quando um hóspede ilustre chegava a uma cidade importante. Henrique II havia sido recebido triunfalmente em Lyon e

Rouen buscava, por sua vez, empanar o brilho da festa da cidade vizinha com algo ainda mais apoteótico e retumbante.

Assim, no dia 1º de outubro de 1550, a cidade de Rouen, ofereceu uma "fête brésilienne" aos reis que a visitavam. Foram construídas, às margens do Rio Sena, réplicas de aldeias indígenas. Nessas aldeias os franceses organizadores da cerimônia, puseram trezentos atores, a representarem índios brasileiros. O que ocorreu, aí, de mais notável foi que cerca de cinquenta deles eram índios legítimos levados do Brasil. Os demais eram marinheiros normandos e bretões, vezados no trato com os silvícolas da costa do Brasil havia muito tempo, freqüentadores que eram do litoral brasileiro para o tráfico de pau-brasil. Também participavam da encenação mulheres francesas. Todos os atores, índios e europeus, apresentavam-se nus e pintados com urucu, tinta rubra que disfarçava a nudez dos brancos.

Naquelas aldeias simuladas, os atores representavam a vida cotidiana dos índios brasileiros: caçavam, fumavam tabaco, assavam carnes em grelhas, deitavam-se em redes etc. Também a fauna do Brasil foi ali exibida em alguns de seus espécimes, que os marinheiros franceses portavam em seus navios: ali apareciam símios, papagaios, periquitos e tucanos.

A encenação incluía uma batalha simulada entre tupinambás e tabajaras, estes sendo aliados dos portugueses. Repelidos pelos tupinambás, amigos dos franceses, representou-se o incêndio de uma aldeia tabajara, tudo isso diante dos olhos extasiados não só dos reis da França, mas também da rainha da Escócia, Maria Stuart, de altos membros da corte, de cardeais, arcebispos e bispos, dos embaixadores da Espanha, de Portugal, da Alemanha, de Veneza.

Pela concorrência de tanta gente de escol, pode-se aquilatar a grandiosidade da cerimônia e o grau de atração que os índios brasileiros exerciam sobre as mentes dos europeus. Era um espetáculo tão grandioso que ninguém queria dele estar ausente.

Como bem asseverou Afonso Arinos, "a festa brasileira de Rouen ... é talvez a mais interessante demonstração da freqüência e importância das relações existentes no século dezesseis entre os povos primitivos do Brasil e a França". Dezesseis anos depois, em 1566, portugueses e franceses se digladiariam num conflito que decidiria a posse da porção meridional do Brasil, a Guerra da Guanabara, na qual milhares de tamoios pereceram. A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro seria fundada justamente para afastar de vez essa ameaça que

pairava sobre a América Lusitana desde o início: ser conquistada por outras nações européias.

A obra de Ferdinand Denis, agora novamente editada, permite que os brasileiros de hoje possam conhecer melhor o seu passado, quando a nacionalidade brasileira ainda se esboçava, quando ainda eram tênues os laços que nos prendiam a Portugal. Faculta-nos um retorno a uma época prístina, que muitos veriam com a própria Idade de Ouro do mundo.